

Congonhas 2

J. Roberto Whitaker *Penteado*

Tenho medo que o brasileiro acabe ainda mais sem-vergonha do que é. - Monteiro Lobato

Volto ao assunto do meu artigo da semana de 14 de fevereiro. Nele, relatava a estranha síndrome que tomou conta do nosso principal aeroporto - onde os passageiros vagam de um portão de embarque a outro - em função de "remanejamentos das aeronaves". Não raro, não correspondem os portões assinalados nos cartões de embarque com os que estão nos painéis eletrônicos e - ao chegar-se à passarela, o voo assinalado sobre o portal também não corresponde ao que efetivamente vai sair de lá... Comparei essa ronda dos passageiros desorientados a cenas do filme *Playtime*, de Jacques Tati, e um leitor escreveu para reclamar que a cena pertence às Férias de M. Hulot e se passa numa estação de trem. Outro escreveu-me para dizer que não olha nem o cartão de embarque nem o painel eletrônico, mas pergunta à moça do balcão na entrada do segundo andar, afirmando que ela quase nunca erra. Vários mandaram e-mails de solidariedade, queixando-se do desconforto e da chateação.

Mandei o artigo por e-mail para a Infraero - estatal responsável pelos aeroportos do Brasil - bem como para todas as companhias aéreas. A Varig foi a única que respondeu, pelo telefone, assegurando que não têm controle sobre o fato e que também estão reclamando...

Além da grosseria e do abuso com os cidadãos/clientes que usam o aeroporto de Congonhas - por parte da Infraero e das cias aéreas - há outros aspectos nessa questão que considero sérios.

Por exemplo: o descaso e a desinformação dos jornalistas. A proliferação dos meios eletrônicos deveria ter levado os veículos tradicionais - jornais, revistas, TV, rádio - a concentrar suas atenções em serviços que deveriam prestar a seus consumidores. Não é o que se vê. Continuam ocupando as manchetes e os principais espaços do nosso jornalismo os aumentos de salários dos parlamentares, os desfiles de vaidades dos políticos e das personalidades do momento, as enchentes, chacinas reais ou imaginárias ocorridas no Rio ou na floresta, o futebol, os microporcentuais de aumentos de juros, etc. Nada sobre as coisas importantes que compoem o cotidiano de cada um de nós - como seria o caso dessa afronta e farsa que afetam a vida de 40 mil pessoas, diariamente.

Pior ainda: é evidente que não há "remanejamento" nenhum e que, por motivos que desconheço, os responsáveis pelo tráfego em Congonhas não conseguiram acertar e sincronizar os equipamentos e as pessoas que atribuem os vôos aos portões de embarque. É possível que cada avião que chegue se enfie na primeira entrada disponível e pronto. Logo, a desinformação que se apregoa pelo sistema de som é simplesmente uma mentira. Sabem disso as comissárias, os executivos, recepcionistas, pilotos, operadores e autoridades do aeroporto. Mas insistem na convivência da mentira, em vez de resolver o problema ou admitir que - provisoriamente - os números dos portões de embarque serão confirmados alguns minutos antes das partidas. Os passageiros fingem que acreditam nos avisos mentirosos, não reclamam nem se revoltam: peregrinam de porta em porta como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Não é. Trata-se de um comportamento coletivo hipócrita e covarde, que só pode levar à aceitação resignada de abusos e agressões cada vez maiores à cidadania de todos nós.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Congonhas 2. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=270&ID=257>>. Acesso em: 10 set. 2009.